



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM GEOGRAFIA E TERRITÓRIO:
PLANEJAMENTO URBANO, RURAL E AMBIENTAL

MARCOS AURÉLIO MALAQUIAS DOS SANTOS

LINHA DE PESQUISA
Geografia Cultural

**ESTUDO SOBRE OS TOPÔNIMOS NA GEOGRAFIA
CULTURAL: UM OLHAR SOBRE AS TOPONÍMIAS DE
SERRA DE SÃO BENTO-RN**



GUARABIRA-PB
2012

MARCOS AURÉLIO MALAQUIAS DOS SANTOS

**ESTUDO SOBRE OS TOPÔNIMOS NA GEOGRAFIA
CULTURAL: UM OLHAR SOBRE AS TOPONÍMIAS DE
SERRA DE SÃO BENTO-RN**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Geografia e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental da Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades, Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do título de especialista sob a orientação dos Prof.º Msc. Márcio Balbino Cavalcante e Prof.º Msc. Carlos Antonio Belarmino Alves.

GUARABIRA-PB
2012

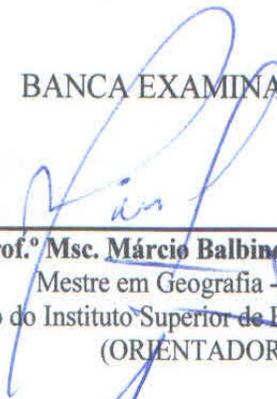
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S237e	<p>Santos, Marcos Aurélio Malaquias dos</p> <p>Estudo sobre os topônimos na geografia cultural: um olhar sobre as toponímias de Serra de São Bento – RN / Marcos Aurélio Malaquias dos Santos. – Guarabira: UEPB, 2012.</p> <p>55f.: il., Color.</p> <p>Monografia (Especialização em Geografia Cultural e Território: Planejamento Urbano, Rural e Ambiental) – Universidade Estadual da Paraíba.</p> <p>“Orientação Prof. Ms. Márcio Balbino Cavalcante”.</p> <p>1. Geografia Cultural 2. Topônimos 3. Cultura I. Título.</p> <p>22.ed. CDD 304.2</p>
-------	---

MARCOS AURELIO MALAQUIAS DOS SANTOS

**ESTUDO SOBRE OS TOPÔNIMOS NA GEOGRAFIA CULTURAL: UM
OLHAR SOBRE AS TOPONÍMIAS DE SERRA DE SÃO BENTO-RN**

BANCA EXAMINADORA



Prof.º Msc. Márcio Balbino Cavalcante

Mestre em Geografia - UFRN
Depto. de Educação do Instituto Superior de Educação de Cajazeiras - ISEC
(ORIENTADOR)



Prof.º Msc. Carlos Antonio Belarmino Alves

Mestre em Educação
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa – Portugal
Depto. de Geo-História Campus III – UEPB
(CO-ORIENTADOR)



Prof.º Dr. Belarmino Mariano Neto

Doutor em Sociologia Rural – UFPB
Depto. de Geo-História Campus III – UEPB
(EXAMINADOR)



Prof.ª Msc. Rosimeri de Lourdes Estevão Cunha

Mestre em Geografia - UFRN
Membro do Grupo Terra – DG/UEPB
(EXAMINADORA)

Aprovado em 20 de julho de 2012.

GUARABIRA-PB
2012

Peço a Deus inspiração
Para contar o que sei
Dum município pequeno
Que nasci e me criei
No Rio Grande do Norte
Terra boa e povo forte
Que jamais esquecerei.

Hoje ele é registrado
Como Serra de São Bento,
Levando o nome do santo
Alivia o sofrimento
Deste povo de Jesus
Que carrega sua cruz
Tendo Deus no pensamento.

Outrora este município
Não tinha esse nome não
Chamara Serra do Pires
Homenagem a um cidadão
Que achou no matagal
Um belo e gordo animal
Aqui nesta região.

(Gil Ribeiro)

A Deus, todo poderoso. A minha família em especial, aos meus filhos “Isabele, Ana Clara e Saulo” e a minha esposa “Emilia”, pelos estímulos as minhas atividades.

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me iluminado em mais uma jornada.

Não posso deixar de agradecer aos meus pais, Cícera e Antônio (*in memorian*), de uma forma especial a minha mãe, sem a qual não estaria aqui, e por ter me fornecido condições para me tornar o profissional e Homem que sou.

A minha avó Maria Taveira (*in memorian*) e a todos os meus familiares que sempre acreditaram em mim.

A minha esposa Emilia e aos meus filhos Isabele, Ana Clara e Saulo, que tanto sofreram com minha ausência quando da elaboração desta monografia e dos diversos trabalhos durante o ano de curso.

A todos os professores que passaram pela minha formação acadêmica e deixaram as suas lições e contribuições para o meu engrandecimento humano, político e social.

Ao meu orientador Prof.º Msc. Márcio Balbino Cavalcante, e ao meu Co-orientador Prof.º Msc. Carlos Antonio Berlamino Alves, que se portaram como só o fazem os mestres. Acreditando no meu trabalho, deram-me a liberdade necessária dividindo comigo as expectativas, conduziram-me a maiores reflexões e desta forma enriqueceram-no. Minha especial admiração e gratidão.

Aos membros da banca examinadora, profissionais dedicados ao desenvolvimento da educação e da ciência geográfica.

A todos os colegas do curso de especialização, com os quais pude aprimorar meus conhecimentos.

Aos cidadãos serra-bentenses entrevistados na pesquisa, que contribuíram com a dimensão e a forma do objeto de estudo. Agradeço a todos e a cada um em particular.

Nosso obrigado!

RESUMO

A toponímia, entendida como o estudo dos diversos nomes que os seres humanos têm dado aos diferentes acidentes geográficos de que se compõe o meio em que estes habitam, tanto natural como urbano, é um produto sociocultural, ideologicamente condicionado, que reflete a história evolutiva da língua das comunidades que têm nomeado e diferenciado ditos locais. Desse modo, as origens dos topônimos brasileiros não obedecem a convenções exatas e que, no Brasil em seu sentido primitivo geralmente indicam nomes comuns, de santos, de vegetais, do relevo e elementos culturais. Diante do exposto, a presente pesquisa teve objetivo o estudo da toponímia da Serra de São Bento-RN, resgatando sua história social e a memória local contida nos nomes dos sítios e comunidades locais. Para a concretização deste trabalho foram desenvolvidas as seguintes etapas metodológicas: pesquisa bibliográfica e documental, através de entrevistas com os cidadãos serra-bentenses; elaboração e aplicação dos instrumentos de pesquisa de campo e sistematização e análise dos resultados. Diante dos resultados, concluímos que os topônimos dos sítios e comunidades de Serra de São Bento apresentam uma toponímia de origem bastante diversificada, baseada na flora, na fauna e na cultura local. Uma proposta importante deste trabalho é apresentar os dados e as informações a cerca da origem dos topônimos de Serra de São Bento através da confecção de uma cartilha didática para ser distribuída nas escolas do município; e assim repassar o conhecimento produzido às gerações futuras e servir de fonte de pesquisa para outros trabalhos que venham a ser desenvolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, Topônimos, Geografia Cultural.

ABSTRACT

The toponymy, understood as the study of the various names that humans have given to the different landforms that compose the environment in which they live, both natural and urban, is a product of sociocultural, ideological conditioning, which reflects the evolutionary history of language communities that are named and distinguished such areas. Thus, the origins of toponyms Brazilians do not follow conventions accurate and that, in Brazil in its primitive sense usually indicate common names of saints, vegetables, relief and cultural elements. Given the above, the present study was aimed to study the toponymy of the Serra de São Bento, RN, rescuing their social history and the memory location contained the names of sites and local communities. To carry out this work were developed following the methodological steps: bibliographical and documentary research, through interviews with citizens Serrabentenses, development and application of instruments of field research, systematization and analysis of results. From the results, we conclude that the place names of sites and communities of Serra de São Bento have a very diverse place names of origin, based on flora, fauna and local culture. A major proposal of this paper is to present data and information about the origin of the place names of Serra de São Bento through the making of a teaching booklet to be distributed in local schools, and so pass on the knowledge produced to future generations and serve as resource for other jobs that may be developed.

KEY WORDS: Culture, Toponyms, Cultural Geography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Vista do arruado da Rajadinha com destaque para a capela de Santo Antônio.....	31
Foto 2 – Lagoa do Umari com destaque para pé de umari.....	32
Foto 3 – Vista da Capela de Nossa Senhora de Fátima.....	33
Foto 4 – Vista do arruado formado no Sítio Panelas.....	34
Foto 5 – Trecho do Riacho da Cruz.....	35
Foto 6 – Casa de Expedito Cavalcante – Sito Boa Vista.....	36
Foto 7 – Pedra do Pinga ou Pedra da Trougha.....	37
Foto 8 – Cacimba da Avenca.....	38
Foto 9 – Pedra do Padre.....	39
Foto 10 – Pedra do Cocorote no alto à direita.....	40
Foto 11 – Loca das Almas.....	41
Foto 12 – Mata do Trinta Dois.....	41
Foto 13 – Cachoeira do Paraíso.....	42
Foto 14 – Alto do Chole.....	43
Foto 15 – Cruzeiro no Alto da União.....	44
Foto 16 – Fazenda Floresta.....	45
Foto 17 – Poço no sítio Olho d'Água.....	46
Foto 18 – Pousada Pedra Grande.....	47
Foto 19 – Sítio Craibeira, com destaque para essa árvore.....	48

FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Brasil com destaque a Região Nordeste.....	24
Figura 2 – Mapa do Rio Grande do Norte.....	24
Figura 3 – Mapa de Serra de São Bento.....	24
Figura 4 – Mapa de Serra de São Bento – comunidades.....	28

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAERN – Companhia de Águas e Esgotos do RN

CONAMA – Conselho Nacional de Meio Ambiente

CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

EMBRATEL – Empresa Brasileira de Telecomunicações

EMATER – Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do RN

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEMA – Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente

MMA – Ministério do Meio Ambiente

MinC – Ministério da Cultura

PMSSB – Prefeitura Municipal de Serra de São Bento

PNC – Plano Nacional da Cultura

SMT – Secretaria Municipal de Turismo

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – UM CONVITE AO TEMA	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL	17
2.1 Gênese das Cidades.....	17
2.2 A Urbanização no Brasil.....	19
2.3 A Urbanização no Estado do Rio Grande do Norte.....	20
2.4 A Urbanização na Cidade de Serra de São Bento-RN.....	21
3 CARACTERIZAÇÃO GEOAMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SERRA DE SÃO BENTO-RN.....	23
3.1 Aspectos Históricos e Localização Geográfica.....	23
3.2 Ambiente Físico-Geográfico	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
4.1 Topônimos do Rio Grande do Norte.....	27
4.2 Percepção dos moradores quanto aos topônimos de Serra de São Bento-RN	28
4.3 Topônimos de Serra de São Bento-RN.....	29
4.3.1 Serra dos Macacos.....	29
4.3.2 Serra do Pires.....	29
4.3.3 Serra de São Bento.....	30
4.3.4 Rajada.....	30
4.3.5 Sítio Umarí.....	31
4.3.6 Sítio Cacimbas.....	32
4.3.7 Sítio Panelas.....	34
4.3.8 Sítio Cruz.....	34
4.3.9 Sítio Boa Vista.....	35
4.3.10 Sítio Pinga.....	36
4.3.11 Avenca.....	37
4.3.12 Pedra do Padre.....	38
4.3.13 Pedra do Cocorote.....	39
4.3.14 Loca das Almas.....	40
4.3.15 Mata do Trinta e Dois.....	41
4.3.16 Paraíso.....	42
4.3.17 Rodeador.....	43

4.3.18 Cruzeiro (Alto da União).....	430
4.3.19 Fazenda Floresta.....	431
4.3.20 Sítio Olho D'água.....	432
4.3.21 Sítio Jucá.....	432
4.3.22 Sítio Craibeira.....	432
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE	55
APÊNDICE A	56

1 INTRODUÇÃO – UM CONVITE AO TEMA

Tylor (2012) definiu Cultura como a expressão da totalidade da vida social do homem, caracterizada pela sua dimensão coletiva, adquirida em grande parte inconscientemente e independente da hereditariedade biológica (MELANDER, 2009). Espaço e cultura são indissociáveis, porque não há sociedades que vivam sem espaço para lhes servir de suporte (CLAVAL, 2001). O ser humano se compreende pelo ambiente que habita, e habitar um lugar significa conhecê-lo, transformá-lo e humanizá-lo (BONNEMAISON, 2000, p.39).

Para organizar esse espaço humanizado para fins de orientação, organização e referência, é necessário registrar e mapear as localidades, atribuindo-lhes nomes. Dessa maneira, o “batismo” dos lugares e o estudo dos nomes dos lugares se tornam um “empreendimento de muitas facetas com grandes e excitantes potencialidades intelectuais” (ZELINSKY, 1997).

A palavra Toponímia é derivada dos termos gregos *topos*, lugar e *ónoma*, nome, literalmente o nome do lugar (CASCUDO, 1968). Tradicionalmente, a Toponímia era definida como “o estudo da origem e da significação dos nomes de lugar”, ou “o estudo dos nomes geográficos”. O topônimo, entretanto, relaciona-se diretamente com os conceitos de homem e ambiente: é o homem que denomina os acidentes geográficos que o rodeiam; o ambiente (rio, montanha), por sua vez, determina o modo de vida do homem (CLAVAL, 2001).

A evidente relação dos conceitos Homem-Ambiente-Topônimo fez com que a Toponímia adquirisse novos contornos: disciplina integral e dinâmica, “o estudo dos nomes geográficos” considera, modernamente, os fatores sociais e históricos que teriam influenciado na escolha de determinado topônimo.

Nesse sentido, o estudo deixa de ser apenas descritivo para trazer contribuições mais significativas ao binômio Homem-Linguagem e a Linguística pode, então, justificar a nomeação do espaço físico, uma vez que o signo toponímico torna-se motivado. Busca-se, no topônimo, a visão de mundo do denominador, as crenças de um grupo social; ele é a testemunha da História.

Em virtude de ocupar um determinado espaço físico e precisar se dispor geograficamente nesse meio, o homem tem a necessidade de nomear o ambiente físico-social que o cerca, sendo esta uma condição *sine qua non* para a garantia de sua própria sobrevivência. Por meio da Toponímia, ramo da Onomástica que tem por objeto de estudo o

exame da origem e do significado dos nomes dos lugares, pode-se analisar a estreita relação que se estabelece entre o homem e os topos que designam o espaço que o circunscreve. Em decorrência dos meios de expressão comuns a uma sociedade, que abrangem não só o acervo vocabular, mas o seu uso propriamente dito, a Toponímia resgata a substância de conteúdo que cada topo carrega consigo, independente da sua natureza (ISQUERDO, 1996, p.80).

O vocabulário onomástico-toponímico – os topônimos – tende a ser marcado ideologicamente por consubstanciar a visão do denominador num tempo e num espaço determinados. Em face disso, os topônimos confirmam a tese de que a história das palavras caminha muito próxima à história de vida do grupo que dela faz uso, razão pela qual a ação de atribuir um nome a um lugar corporifica uma soma de diversificados fatores – linguísticos, étnicos, socioculturais, históricos, ideológicos – do grupo que habita o espaço geográfico tomado como objeto de investigação.

Particularmente os nomes de acidentes humanos (vilas, povoados, cidades) traduzem reflexos do momento histórico em que foram nomeados, haja vista serem mais afetados por fatores extralinguísticos, como características do processo de povoamento ocorrido da região; questões interétnicas que individualizam o espaço geográfico em questão – convívio de povos de diversas etnias; a localização geográfica – fronteiras nacionais e internacionais; interferências políticas, além de fatores ambientais. Este trabalho discute a questão da interface entre toponímia, cultura e história social, com base na análise dos designativos do município de Serra de São Bento-RN.

O estudo da toponímia de um país pode responder a vários interesses. O mais simples seria satisfazer a curiosidade de umas pessoas ou de um povo pela origem do nome dos lugares onde vivem ou que os rodeiam.

Pensando em uma perspectiva etnográfica e de discussão de identidade sociopolítico-cultural, a toponímia se mostra como um interessante caminho, pois os nomes de determinado local podem revelar traços da cultura, da memória e da identidade de determinada comunidade.

Nesse sentido, escolhemos trabalhar com a toponímia de Serra de São Bento-RN, utilizando como dados os nomes oficiais e populares de comunidades, sítios e pedras, considerando que a nomeação reflete aspectos importantes dos valores sociais, políticos e culturais da memória coletiva local.

Localizada no Agreste do Rio Grande do Norte, o município de Serra de São Bento está situada na Microrregião Borborema Potiguar, a cerca de 110 km de Natal, a capital do estado. Têm uma população de 5.805 habitantes (IBGE, Censo 2007), área de 97 km²,

vegetação de caatinga hipoxerófila e clima semiárido. É marcada pelo relevo do Planalto da Borborema onde predominam formas tabulares e de topo plano.

Criada oficialmente em 1958 a história da cidade remota ao final do século XVIII (CAVALCANTE, 2002), quando colonos vieram para a Serra dos Macacos (BEZERRA, 1985), como era conhecida naquela época, atraídos pelo pasto abundante para a criação do gado e pelas ótimas terras, úteis para a plantação de algodão (CAVALCANTE, 2002).

A toponímia de Serra de São Bento está ligada profundamente ao relevo (Serra do Meio e Calabouço), à vegetação (Jucá e Cabaceiras) e a elementos culturais (Painéis e Mata do Trinta e Dois). Estudar a toponímia do município de Serra de São Bento é viajar no tempo, é ter encontros com a história do cangaço nordestino, é cultura popular, é sentir a silhueta do relevo e, em fim, é sentir o homem marcando o espaço por onde vive.

Justificamos que o presente estudo é de grande relevância para o município visto que, as novas gerações não conhecem a origem dos topônimos da sua cidade. Ainda vista que, quando estudamos a toponímia de um lugar resgatamos seus valores culturais, dos quais fazem parte o conhecimento popular, em especial dos idosos. Algo que a juventude precisa valorizar, pois só valorizamos algo quando conhecemos, por isso através da presente pesquisa passamos a valorizar mais ainda o nosso lugar. Portanto justifica-se o presente trabalho pelos valores resgatados e porque o mesmo pode se transformar numa fonte de pesquisa para futuras gerações.

Preocupados com o resgate dos nomes do nosso município, resolvemos realizar esta pesquisa. A qual é de máxima importância, uma vez que através da mesma conhecemos mais o nosso próprio lugar e passamos a valorizar ainda mais nossas fontes de pesquisa: os idosos, que ao longo do tempo ajudaram a construir a história sua história.

A nossa pesquisa teve como objetivo resgatar os topônimos de Serra de São Bento, e transformar em cartilha para ser introduzido na rede municipal de educação e fazer um resgate junto aos cidadãos idosos da gênese da denominação dos sítios, distritos e comunidades do município. Outro objetivo foi fazer com que as futuras gerações conhecessem os nossos topônimos, que serviram de base para um aprofundamento na geografia urbana e história oral.

A presente pesquisa teve como marco teórico os seguintes autores: CASCUDO (1968), CAVALCANTE (2002), BOSI (1994), CORRÊA E ROSENDAHL (2007), SANTOS (1993), DANTAS, (2000), LEVI CARDOSO (1961), DICK (1990), CLAVAL (2001).

Os procedimentos adotados para a realização da pesquisa constaram das etapas de gabinete e campo. Em gabinete realizou-se a triagem do material e instrumentos técnicos e bibliográficos sobre o tema a ser apresentado, pesquisa em sites relacionados da internet e

visita a bibliotecas em diferentes cidades, Guarabira/PB, Passa e Fica e Serra de São Bento/RN. Após esta fase foram trabalhados os documentos específicos da toponímia dos locais, distritos e sítios do município de Serra de São Bento-RN, que facilitaram a organização definitiva do material e da contextualização.

Diante dos resultados, esta Monografia foi estruturada em cinco seções: a introdução – um convite ao tema, apresentamos uma panorama geral da pesquisa. Comentamos sobre a influência cultural do dominador na implantação dos nomes dos lugares, como também a influência do relevo, da fauna e da flora nos topônimos locais. Na introdução trazemos a justificativa, a metodologia e os objetivos deste trabalho.

Na segunda seção, de cunho teórico-conceitual, é discutida a fundamentação teórica básica que forneceu subsídios para a coleta de dados e a análise dos resultados da investigação. Debates sobre a gênese das cidades como resultado da ação do homem alterando o meio natural onde vive. Comentamos também em como se deu a urbanização no Brasil, no estado do Rio Grande do Norte e no município de Serra de São Bento e, por fim, faremos um breve comentário quantos aos topônimos do Rio Grande do Norte.

A terceira seção aborda a Caracterização Geoambiental do Município de Serra de São Bento-RN. Traça os antecedentes históricos desde o final do século XVIII até a sua emancipação política em 1958. A localização geográfica, a geologia do município, os recursos hídricos, o clima, a vegetação e o solo. A evolução populacional desde o censo de 1960 até o censo de 2010 aparece no final do capítulo.

A quarta seção apresentamos os resultados da pesquisa e um breve comentário sobre as origens dos nomes dos lugares do Rio Grande do Norte: geografia, fauna, flora ou cultura do dominador. Do município de Serra de São Bento pesquisamos os primeiros nomes do lugar e os nomes de dezenove sítios, comunidades e pedras.

Na quinta seção, apresentam-se as considerações finais da pesquisa com o objetivo de oferecer um resumo dos principais resultados, verificação da hipótese e a indicação de perspectivas para pesquisas futuras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

Nesse capítulo comentaremos a gênese das cidades como resultado da ação do homem alterando o meio natural onde vive. Comentaremos também em como se deu a urbanização no Brasil, no estado do Rio Grande do Norte e no município de Serra de São Bento e, por fim, faremos um breve comentário quantos aos topônimos do Rio Grande do Norte.

2.1 Gênese das Cidades

A cultura é o resultado da ação humana alterando a paisagem natural, por isso a Geografia é uma ciência cujos objetivos de análise são os membros de uma sociedade com dinamismos de fixos e fluxos, um agindo sobre o outro. Desta forma, a Geografia se interessa pela relação espaço e cultura, que é uma tradição da ciência geográfica.

Segundo Corrêa (2007, p.28), “a cultura é uma chave para a compreensão sistemática de diferenças e semelhanças entre os homens”, daí a importância de pesquisar a origem das cidades para o nosso estudo.

A respeito disto (CORRÊA apud CLAVAL, 2001) afirma em relação ao foco da Geografia como sendo o resultado das complexas relações envolvendo um dado grupo social e a natureza, concebido como expressão e condição social, constitui-se em outro foco central do interesse dos geógrafos interessados em compreender a diversidade espacial (CORRÊA, 2007, p.10).

Ainda sobre o objeto da Geografia Paul Vidal De La Blache definiu-o como a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem, uma ótica orientada para o produto da ação humana, não para os processos sociais que a engendram.

Para o autor, foi nos Estados Unidos que a Geografia Cultural ganhou plena identidade, graças à obra de Carl Sauer e de seus discípulos, primeiramente em Berkeley e, em breve, dispersos em várias universidades¹. Conforme Corrêa (2007, p.10),

A Geografia de Sauer e de seus discípulos esteve calcada no historicismo [...] apoiada na crença de sua importância, na diversidade cultural; valorizava-se o passado em detrimento do presente, assim como a contingência e a compreensão [...] focalizavam especialmente sociedades tradicionais, pouco reportando-se às

¹ A denominada Escola de *Berkeley* (1925-1975) desempenhou papel fundamental na Geografia Cultural (CORRÊA, 2007, p.10).

sociedades urbano-industriais [...] é inegável, neste contexto, a forte influência da Antropologia Cultural de Alfred, Kroeber, Robert Lowie e Leslie White.

Porém, a partir do final da década de 1970 e durante a década seguinte, a Geografia Cultural passou por um processo de renovação. Dessa forma, a tradição calcada na Escola de Berkeley foi submetida a críticas por parte dos geógrafos oriundos de diversos caminhos teóricos ou de experiências em distintos contextos culturais.

A partir desses pressupostos discutidos acima, podemos dizer que, seja através da paisagem ou mesmo dos movimentos socioterritoriais, a Geografia Cultural nos faz organizar conceitos em níveis de relevância e priorizar determinados valores e atitudes para uma abordagem específica das diversas manifestações do homem no espaço, na construção social, e assim, uma melhor abordagem das mudanças da realidade, com suas respectivas flexibilidades e conflitualidades.

Para Carlos (1997, p.56) “existem condições históricas específicas que explicam o surgimento da cidade e suas diferenciações espaciais”. Ainda comenta: “a cidade tem uma origem histórica: nasce num determinado momento da história da humanidade e se constitui ao longo do processo histórico, assumindo formas e conteúdos diversos”.

Durante a pré-história, os homens eram primeiramente nômades, movimentando-se de uma região para outra constantemente, em busca de água e de alimentos. Entre 13 e 10 mil anos atrás, várias civilizações começaram a dominar a técnica da agricultura e da pecuária. As civilizações que dominaram estas técnicas passaram a criar centros mais densamente habitados, como centros de comércio e de defesa locais. As primeiras vilas apareceram em torno de rios e lagos, dado a necessidade de irrigação. A maioria dos habitantes de vilas neolíticas trabalhava na agricultura e na criação de animais domésticos.

As primeiras cidades desenvolveram-se na Mesopotâmia, em torno do rio Eufrates, como centros comerciais e militares de uma dada região, sendo tudo possível ao domínio da agricultura. Carlos (1997, p.57) afirma que “a cidade nasce da necessidade de organizar um dado espaço no sentido de integrá-lo e aumentar a sua independência visando [...] a sobrevivência do grupo no lugar”.

Na Idade Média, com o fim do Império Romano, a parte ocidental do antigo império passou a sofrer ataques constantes de bárbaros, o que fez as cidades perder população lentamente para o campo, mais exatamente em direção aos feudos, que ofereciam proteção. Destas zonas protegidas surgiram várias aglomerações urbanas a partir do século X.

Quanto às cidades no período feudal, as propriedades feudais quase que absolutamente autossuficientes, começaram a se integrar na medida em que começaram a ganhar importância às feiras comerciais, embriões das futuras cidades comerciais (CARLOS, 1997, p.57).

Na era moderna, com o desenvolvimento da indústria, com as grandes descobertas científicas e com o conseqüente avanço tecnológico, foi criada a especialização espacial e uma divisão do trabalho muito ampla. Sobre a o desenvolvimento da cidade na era moderna Carlos (1997, p.66) comenta que “a cidade como ponto de concentração da indústria e de massa populacional atrai não só o poder econômico como o político, passando a comandar espaços maiores, de acordo com o seu poder”.

2.2 A Urbanização no Brasil

O processo de urbanização no Brasil é recente, o que, para alguns autores (CASTELLS 1983; SPÓSITO 1991; SANTOS 1993), é uma característica comum dos países subdesenvolvidos.

A colonização portuguesa no Brasil estimulou a produção agrícola orientada para a exportação, daí planícies e terraços litorâneos terem sido escolhidos para a implantação dos primeiros núcleos urbanos. Os sítios escolhidos eram os localizados próximos a baías ou enseadas junto dessas planícies. A maioria das grandes cidades brasileiras está ligada à função de porto comercial ou função militar.

Dessa forma, as condições de localização desses sítios favoreciam a ligação com as áreas de produção agrícola e também o estabelecimento seguro de bases militares para garantir a posse da colônia. Algumas exceções são: Curitiba e São Paulo, e as cidades da mineração: Ouro Preto em Minas Gerais e Goiás Velho em Goiás (SANTOS, 1993).

As ordens portuguesas proibiam a fundação de cidades no interior sem a permissão real, assim como qualquer penetração para o interior do território deveria ser expressamente autorizada. Daí somente com a crise da agricultura em fins do século XVII e do XVIII, quando a mineração do ouro e da prata se expandiu, é que as ordens portuguesas se afrouxaram e foram fundadas cidades no interior do Brasil (CASCUDO, 1968).

Apesar de o século XVIII ter presenciado um grande avanço na fundação de vilas e cidades no interior do território brasileiro, esse processo se fez de forma descontínua, motivado pela dependência do povoamento em relação às oscilações do mercado externo como também pelo esgotamento dos recursos ou pela concorrência de um produto com outro. A descontinuidade econômica das regiões e produtos fez com que alguns centros urbanos

estagnassem e outros surgissem, fazendo o mesmo com algumas regiões do país, a exemplo disso tomamos a causa da mudança da capital do país de Salvador para o Rio de Janeiro (ROSS, 2005).

Na década de 1950, o processo de industrialização chega ao seu auge e o Brasil enfrenta um elevado índice de crescimento das cidades. Já na década de 1970, a população urbana ultrapassa a população rural, representando 55,9% do total de brasileiros (GOLVÊA, 2005).

O processo de industrialização intensificou o crescimento das cidades, isso fez com que surgissem as metrópoles. As regiões metropolitanas brasileiras foram criadas por lei aprovadas no Congresso Nacional em 1973, que as definiu como “um conjunto de municípios contíguos e integrados socioeconomicamente a uma cidade central, com serviços públicos e infraestrutura comum”. (ARAÚJO JÚNIOR, 2006).

2.3 A Urbanização no Estado do Rio Grande do Norte

A ocupação da capitania do Rio Grande, teve início pelo litoral através da construção do Forte dos Reis Magos em 1597, “que pretendia a reconquista da Capitania do Rio Grande” (MEDEIROS FILHO, 1991, p.7). Como em outras partes do país “a população sempre procurava situar-se nas proximidades dos rios” (Ibid., p.8) por esta razão, a maiorias das cidades estão localizadas hoje às margens de rios e riachos.

Parte da ocupação da capitania do Rio Grande teve início pelo sul através da Paraíba “efetivamente, colonizadores, bandeirantes, vaqueiros, tangedores de gado que buscavam os sertões”. Outras correntes migratórias que povoaram o Rio Grande vieram pelo “do Rio São Francisco [...] derramando-se pelo Seridó”. E “Outra vinda do Ceará através do Apodi, espriando-se pelo sertão do oeste da capitania”. Outra frente ainda pelo litoral “partindo do Forte dos Reis Magos, faziam incursão pelos vales e várzeas do Ceará-Mirim, Capió, Cunhaú, Maxaranguape” desta maneira a capitania do Rio Grande foi toda ocupada (CASCUDO, 1968).

Nesse contexto, as economias impulsionadoras da ocupação da capitania do Rio Grande foram, primeiramente a cana-de-açúcar, que se concentrou no litoral, posteriormente a criação de gado “que chega a penetrar no sertão, tendo origem no norte da Bahia e, através do Rio São Francisco... atingiu o rio Piranhas-Açu no seu alto curso na Paraíba e chegou ao Seridó” (FELIPE E CARVALHO, 2002, p.17). Assim nasceram as primeiras fazendas de criar gado no sertão norte-rio-grandense.

Em seguida as terras do interior do “Rio Grande” foram ocupadas através do sistema de sesmaria conforme citação de Cascudo, “as terras da Capitania estavam ‘tôdas’ doadas, com mais de cento e cinquenta léguas da costa” (ANDRADE apud CASCUDO, 1968, p.23). Algumas dessas sesmarias transformaram-se em fazendas com a função de criação de gado para comercialização e abate no litoral. Posteriormente as fazendas viraram vilas, e essas cidades, porém esse processo foi lento até o início do Século XX. Segundo Manoel Dantas, em 1922 havia apenas “trinta e sete municípios em que se divide administrativamente, o território do Rio Grande do Norte” (DANTAS, 2000, p.7).

Após o período divisório do território do estado em municípios pela lógica econômica, séculos XVIII e XIX, iniciamos a divisão e criação de municípios pela “função político-eleitoral [...] como as unidades criadas de 1953 a 1963, ou seja, os oitenta e cinco novos municípios tiveram mais função político-eleitoral que lógica econômica” (CASCUDO, 1968, p.142).

A crise das economias tradicionais, principalmente a economia algodoeira impulsionou o êxodo rural no Rio Grande do Norte, conforme comentário de Felipe e Carvalho (2002, p.53):

A falência da economia algodoeira agravou a pobreza do trabalhador rural, concentrou a renda gerada no campo e induziu o êxodo rural, um processo migratório que concentra nos distritos e cidades a população antes dispersa pelas fazendas, sítios e pequenos povoados.

Com o êxodo rural os núcleos urbanos do estado, apresentam crescimento de todos os indicadores após as décadas de 60 e 70. Há uma significativa queda da população rural e crescimento da população urbana. Nas duas últimas décadas o principal fluxo migratório do Rio Grande do Norte é das cidades do interior para Natal e as cidades de entorno que formam a Grande Natal, Ceará-Mirim, Macaíba, Parnamirim, São Gonçalo do Amarante e Extremoz (FELIPE e CARVALHO, 2002, p.54).

2.4 A Urbanização na Cidade de Serra de São Bento-RN

Com a doação da sesmaria da “Serra dos Macacos ao coronel Antônio Pires Ferreira em 1785”, criou-se o povoado da Serra do Pires. O povoamento teve início “com a instalação de famílias de colonos que vieram para a região atraídos pela boa qualidade das terras”. Já no início do Século XVIII o povoado “contava com várias fazendas de gado e grandes lavouras”,

“tendo grande progresso” econômico a vila progredia em população e poder local (BEZERRA, 1985; CAVALCANTE, 2002; CASCUDO, 1968, p.246).

Com o acentuado progresso que São Bento vinha alcançando, em 1830 o povoado já contava com capela dedicada a São Bento. No ano de 1843, foi elevado à condição de distrito, do município de Goianinha e, logo após, tornou-se vila (município) pela primeira vez no dia 15 de março de 1852. Porém apenas dezesseis anos depois de sua elevação a vila, no dia 12 de março de 1868, voltou à condição de povoado, dessa vez pertencendo ao município de Nova Cruz, e assim permaneceu até 31 de dezembro de 1958, quando através da Lei nº 2.337, desmembrou-se, tornando-se município com o nome de Serra de São Bento (CASCUDO, 1968; CAVALCANTE, 2002).

Conforme o IBGE (2007) a evolução populacional de Serra de São Bento desde sua fundação se deu com os seguintes números: censo populacional de 1960, 4.205 habitantes; censo populacional de 1970, 5.402 habitantes; censo populacional de 1980, 6.465 habitantes; censo populacional de 1991, 6.294 habitantes e censo populacional de 2000, 5.870 (IBGE, Coleção digital/publicações).

Segundo o censo 2007, a cidade possuía uma população de 5.805 habitantes (IBGE, 2007). “A zona urbana além do centro, possui apenas um bairro, São João, e três conjuntos habitacionais, Boa Vista, Frei Damião e Monteiro (PREFEITURA MUNICIPAL DE SERRA DE SÃO BENTO, 2010).

No censo 2000, a população se dividia quase que igualmente entre sítio e cidade, 49,7% na zona urbana e 50,3% na zona rural (IDEMA, 2000). No último censo de 2010, Serra de São Bento passou a ser um município urbano, 3.262 pessoas viviam na zona urbana, 56,8% do total, e 2.484 na zona rural, representando 43,2% da população (IBGE, 2010).

3 CARACTERIZAÇÃO GEOAMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SERRA DE SÃO BENTO-RN

Nesse capítulo trataremos do histórico de Serra de São Bento, desde o final do século XVIII até a sua emancipação política em 1958. Trabalharemos também a geografia do município, sua evolução populacional desde o censo 1960 até o censo de 2010, sua localização por mesorregião e por microrregião e economia. Conheceremos a geologia do município, os recursos hídricos, o clima, a vegetação e o solo.

3.1 Aspectos Históricos e Localização Geográfica

Com a instalação de famílias de colonos que vieram para a região atraídos pela boa qualidade das terras, localizadas na aprazível serra do Pires, nasceu o primeiro núcleo de povoamento do município. No final do século XVIII, o núcleo já contava com várias fazendas de gado e grandes lavouras.

Nos meados do século XIX, o Coronel João de Oliveira Mendes foi quem dominou a localidade. Por ser dotado de recursos e muitas terras, gostava de ser tratado com muito respeito e espalhava pavor por causa da sua crueldade. Após seu falecimento, em 1850, o frei Alberto Santa Augusta Cabral fez um apelo à população na tentativa de acalmar os ânimos e pela pacificação, pediu que todos lançassem suas armas numa cova aberta em frente a igreja. Como todos atenderam ao apelo do frei, a vala ficou cheia de armas. Contam que noventa e nove anos depois, várias armas foram encontradas, corroídas pela ferrugem.

No ano de 1843, o povoado foi elevado à condição de distrito, do município de Goianinha. Tornou-se município no dia 15 de março de 1868 e ganhou sua primeira escola primária três anos depois, mas logo depois, no dia 12 de março de 1868, voltou à condição de povoado, dessa vez pertencendo ao município de Nova Cruz, que assim permaneceu até 31 de dezembro de 1958, quando através da Lei nº 2.337, desmembrou-se, tornando-se município com o nome de Serra de São Bento (IBGE, 2010).

Município está localizado na Zona Homogênea do Agreste norte-rio-grandense a uma distância de 109 quilômetros de Natal, a capital do estado. Serra de São Bento está na Microrregião Borborema Potiguar. Tem uma população de 5.801 habitantes (IBGE, 2007), com densidade demográfica de 59,84% (IDEMA, 2010); a esperança de vida ao nascer é de 67,262 anos (IDEMA, 2010); o índice de desenvolvimento humano é 0,600 (IDEMA, 2010);

e a taxa de mortalidade infantil é 10,64 (IDEMA, 2010). A cidade possui área de 96,64 km² (IBGE, 2010), taxa de alfabetização é de 61,30% (IDEMA, 2010).

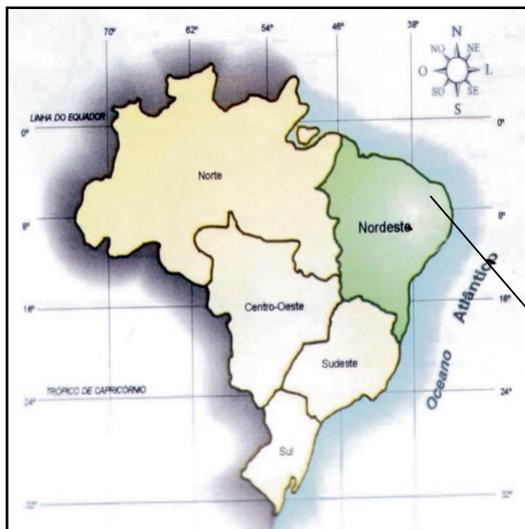


Figura 1 – Mapa do Brasil com destaque a Região Nordeste
Fonte: IBGE, 2010

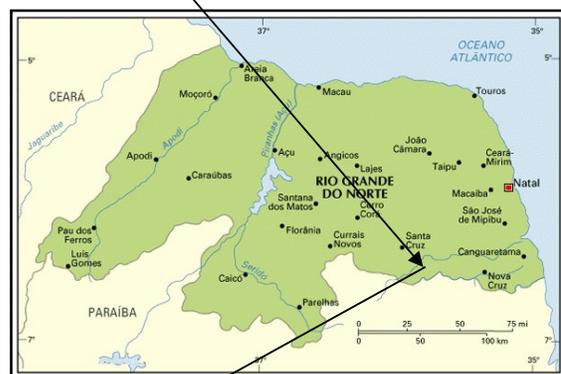


Figura 2 – Mapa do Rio Grande do Norte
Fonte: IBGE, 2010

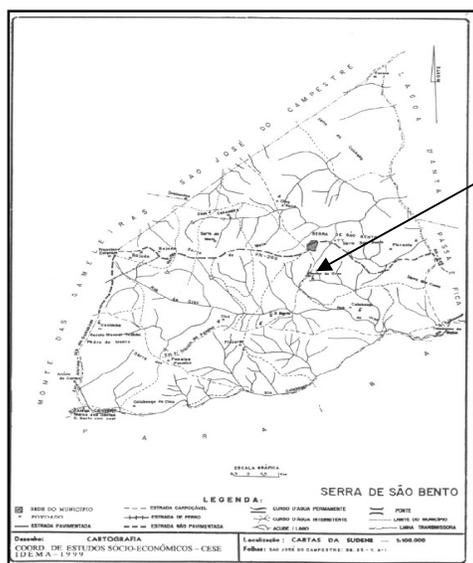


Figura 3 – Mapa de Serra de São Bento
Fonte: IBGE, 2010

A economia do município de Serra de São Bento está voltada principalmente para a agricultura familiar, para a criação de gado bovino, para o comércio e para a indústria têxtil. A agricultura de subsistência é o setor econômico que ocupa maior número de pessoas, produz, principalmente: feijão, milho, fava e batata doce. Alguns outros produtos: coco-da-baía, manga e castanha de caju também ajudam a implementar a produção.

Mais recentemente o maracujá irrigado vem ocupando uma parcela notável da produção com 96 toneladas produzidas em 2006 (IBGE, 2007). O sistema de manejo se dá com baixo e médio nível tecnológico. As práticas agrícolas estão condicionadas ao trabalho braçal e a tração animal, com implementos agrícolas simples.

A cultura do município se restringe principalmente a festas religiosas e sociais. A principal festa religiosa é a festa do padroeiro São Bento no mês de julho e a maior festa social é o Festival de Inverno que varia entre os meses de junho, julho ou agosto. Há outras festas religiosas nas comunidades que tem capela, quando comemoram seus padroeiros. Outras festas sociais são o Carnaserra, na data do carnaval, e o aniversário da cidade no dia 31 de dezembro.

3.2 Ambiente Físico-Geográfico

A geomorfologia de Serra de São Bento é marcada pelo relevo de planalto, o Planalto da Borborema, onde predominam formas tabulares de relevo de topo plano, com diferentes ordens de grandeza e de aprofundamento de drenagem, separados geralmente por vales de fundo plano. A altitude do relevo varia entre 400 e 800 metros (IDEMA, 2010).

O clima do município é o semiárido com estação chuvosa atrasando-se para o outono, a precipitação pluviométrica anual normal de 755,2 mm, período chuvoso de março a julho (IDEMA, 2010). As temperaturas médias anuais são: máxima 32° C, média 25,6° C e mínima 18° C (IDEMA, 2010). Favorecida pela altitude a temperatura anual é mais amena do que nas cidades mais baixas, apresentando uma sensação térmica ainda mais baixa do que a observada pelo IBGE, no mês de julho os termômetros chegam a registrar 15° C (JORNAL CORREIO DA TARDE, 2009).

Há anos de seca, porém as chuvas e os olhos-d'água não deixam com que a população sofra como no sertão do estado na maioria dos anos (MARIA TAVEIRA, 90 anos, aposentada). A umidade relativa do ar é de 73% e as horas de insolação chegam a 2.400 (IDEMA, 2010).

O quadro dos recursos hídricos de Serra de São Bento é caracterizada pela hidrogeologia formada pelo aquífero cristalino que engloba todas as rochas cristalinas, onde o armazenamento de águas subterrâneas somente se torna possível quando a geologia local apresentar fraturas associadas a uma cobertura de solos residuais significativas.

Assim, os poços perfurados apresentam uma vazão média baixa de 3,05 m³/h e uma profundidade de 60 m, com água comumente apresentando alto teor salino de 480 a 1.400 mg/l com restrições para o consumo humano e uso agrícola. A hidrografia da cidade encontra-se com 50,76% de seu território inserido na Bacia Hidrográfica do rio Jacu e 49,24% na Bacia Hidrográfica do rio Curimataú. O rio principal é o Calabouço e o riacho é o da Cruz (CPRM, 2005).

A formação vegetal é a Caatinga Hipoxerófila, vegetação de clima semiárido, apresentando arbustos e árvores com espinhos e de aspecto menos agressivo do que a Caatinga Hiperxerófila. Entre outras espécies destacam-se a catingueira, angico, braúna, juazeiro, marmeleiro, mandacaru, umbuzeiro e aroeira (IDEMA, 2010).

Em pesquisas recentes biólogos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte descobriram no Alto da União a pororoca, *Rapanea umbellata*, árvore típica da Mata Atlântica (Elizabeth de Moraes, 52, professora).

Os solos de Serra de São Bento são os Litólicos Eutróficos com fertilidade natural alta, textura arenosa e/ou média, fase pedregosa e rochosa, relevo ondulado, bem acentuadamente drenado, rasos e muito erodidos. O uso do solo é muito limitado devido a falta d'água, grande susceptibilidade a erosão, além do impedimento ao uso de máquinas agrícolas, em decorrência da pedregosidade, rochosidade e pequena profundidade desses solos. Nessas áreas deve-se conservar a vegetação natural para preservação da fauna e da flora (CPRM, 2005).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No resultado empírico do nosso trabalho trazemos um breve relato sobre a toponímia do Rio Grande do Norte. Como se deu o batismo dos lugares e as fontes de inspiração para a origem do nome do lugar, fauna, flora, relevo, solo ou influência cultural. Dessa maneira, apresentamos como resultado da pesquisa os três primeiros nomes do município de Serra de São Bento, desde o sistema de sesmaria até a fundação e a toponímia de dezenove sítios e comunidades.

4.1 Topônimos do Rio Grande do Norte

As relações do indivíduo com o espaço fazem parte dos primeiros aprendizados culturais e não cessam de se desenvolver. Reconhecer-se, orientar-se são procedimentos indispensáveis a todos. Para Claval (2001, p.189), “toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas, batizar as costas e as baías das regiões litorâneas foi a primeira tarefa dos descobridores”. Já Cascudo (1968, p.13) define: “toponímia vem do grego e quer dizer: *topos* (lugar) + *onyma* (nome) + ia”. Toponímia significa estudo da origem dos nomes dos lugares.

Segundo Cavalcante (2006, p. 01) o ambiente urbano é um meio (re)produzido, como resultado das ações humanas acumuladas sobre o meio natural. Seus componentes refletem, sobretudo, uma complexa e dinâmica interação entre os processos históricos, socioculturais, econômicos e ambientais.

Na denominação dos lugares do Rio Grande do Norte, o relevo, a vegetação e elementos culturais foram definitivos na nossa nomenclatura dos municípios (CASCUDO, 1968). Exemplo de contribuição cultural derivada da língua, veio do negro fugido das fazendas que deixou topônimos como: couito, coito, couitto e mucambo. Como exemplo de topônimos surgidos da flora local, podemos citar: pitombeira, mulungu, oiticica, quixabeira e carnaúbas (CASCUDO, 1968).

Para o autor, alguns topônimos tiveram origem na língua indígena: Upanema, Mossoró, Janduís, Caicó, Caiçara, Tapuia [...] postura das arribaças, refúgio das cotias, mocós e preás, malhada dos juazeiros, imburanas e oiticicas para veados e emas [...] Upanema, Puxi, Ipanema, icatu, icarai, iguatu. Comum também as pedras serem usadas para batizar os lugares: Pedra Preta, Pedra Branca, Pedra d'Água, Pedra Grande e Pedra Barbada.

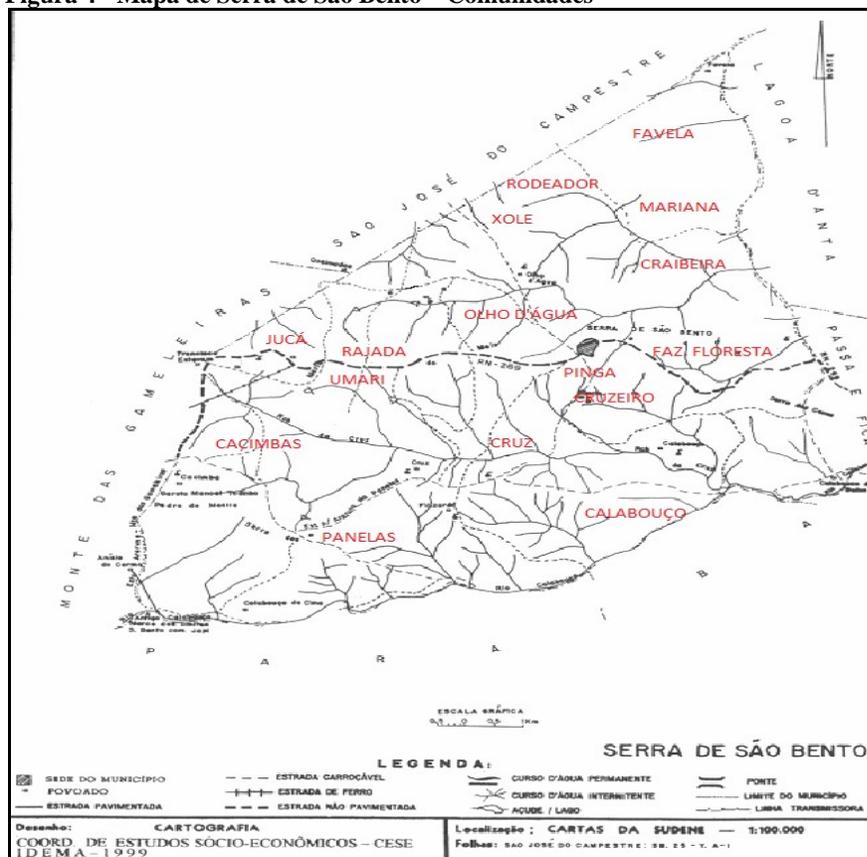
Somos filhos do grande ciclo dos vaqueiros. O trabalho da pastorícia garantiu a Capitania, manteve a província, obrigando-a a viver. Os topônimos, às centenas, denunciam essa obstinação campeira. São os mais numerosos: Rio do Gado Bravo, Malhada Vermelha, Canto do Curral Velho, Currais Novos, Curralinho, Porteiras, Curral Queimado, Campo Grande, Pastos Bons, Boa Água, Lagoa dos Cavalos, Poço das Cabras, Vaca Braba (CASCUDO, 1968).

Conforme Cascudo (1968), a nomenclatura é fundamentalmente portuguesa. As diferenciações nacionalizam e regionalizam os vocábulos, dando cor regional nas peculiaridades da aplicação. Como exemplo de regionalização não se diz cordilheira ou serra com em Portugal, mas cadeias de serras, serra, serrinha, serrote.

4.2 Percepção dos moradores quanto aos topônimos de Serra de São Bento - RN

Através do presente trabalho enriquecemos o conhecimento sobre o nosso município. Conseguimos chegar à origem dos topônimos de 19 comunidades, além dos nomes mais antigos do município (Figura 4). Descobrimos que muitos topônimos estão ligados a formações rochosas, a flora e a elementos culturais.

Figura 4 - Mapa de Serra de São Bento – Comunidades



O contato pessoal, através das entrevistas com moradores das comunidades e sítios na zona rural, como os residentes na cidade, permitiu-nos, aprender a valorizar nossa cultura e aumentar o respeito pelos idosos. Concluímos também que nossos idosos têm um grande valor histórico e cultural, donde ficam felizes em transmitir seu conhecimento. Sugerimos a fundação de um museu de vozes, imagens e vídeos dessas pessoas, onde ficariam guardadas suas imagens, entrevistas e vídeos, que poderiam servir de fonte de pesquisa para outros pesquisadores. Incalculável seria o seu valor.

4.3 Topônimos de Serra de São Bento-RN

4.3.1 Serra dos Macacos

O mais antigo nome de Serra de São Bento foi Serra dos Macacos (Bezerra, 1985). Nos tempos coloniais, assim era conhecida esta serra por onde os vaqueiros passavam levando boiadas para o sertão. O caminho utilizado era a Estrada de Boiada, Salviano Gomes Crisanto Neto comenta sobre a Estrada de Boiada:

É o marco divisório de Serra de São Bento com Passa e Fica, ela nasce na divisa com a Paraíba, passa no sítio Pé da Serra, e atravessa o Riacho dos Macacos na divisa com Lagoa D'anta e vai até São José do Campestre” (SALVIANO GOMES CRISANTO NETO, 70, aposentado).

Naquele tempo, essa estrada trazia o gado do brejo paraibano para o sertão potiguar. “Os vaqueiros quando ali passavam viam os macacos passando nas árvores em direção a serra e, por isso, batizaram o lugar de Serra dos Macacos” (CRISANTO NETO, 70, aposentado). Como prova disso o riacho que passa no sítio Pé da Serra ainda é conhecido por alguns idosos de Lagoa d’Anta como riacho dos Macacos (RAIMUNDO LOPES, 39, funcionário público).

4.3.2 Serra do Pires

Serra do Pires, assim ficou conhecido o povoado com a vinda do coronel Antônio Pires Ferreira, em 1785, quando recebeu pelo sistema de sesmaria a posse da Serra dos Macacos (Bezerra, 1985) . Ainda em junho de 1805 dizia-se Serra do Defunto Pires ou de São Bento, povoara-se nos finais do século XVIII com criação de gado e abundante lavoura, graças a excelência dos terrenos serranos (CASCUDO, 1968). Quando éramos crianças as pessoas diziam que São Bento era chamada Serra do Pires. Nessa época a cidade era muito

violenta, diziam que matavam um hoje e deixavam outro amarrado pra matar no dia seguinte (TAVEIRA, aposentada). A fama de cidade violenta vem da grande figura local, o Coronel João de Oliveira Mendes (1792 – 1850), potentado em terras, recursos e truculência dominadora, cercado de respeito e pavor. Deve haver muito exagero nas versões orais evocadas ao seu nome. Foi seis vezes deputado provincial e mesmo votado na lista tríplice para o senado do Império em 1845 (CASCUDO, 1968).

4.3.3 Serra de São Bento

Com a morte do Coronel Pires chamavam o lugar de Serra do Defunto Pires ou de Serra de São Bento (CASCUDO, 1968). No povoado foi construída uma capela em homenagem ao santo padroeiro São Bento. Em 1830 já havia capela em homenagem a São Bento (Bezerra, 1985), que fez mudar o nome do povoado para São Bento, “que assim permaneceu até 31 de dezembro de 1958, quando através da Lei nº 2.337, desmembrou-se, tornando-se município com o nome de Serra de São Bento” (CAVALCANTE, 2002). Populares dão conta de que nesse período muitos dos empregados das fazendas e moradores da região morriam por picada de cobra e como nessa época não existia medicina desenvolvida para combater esta mazela recorreram ao santo prometendo que se as mortes diminuíssem ergueriam uma capela em sua homenagem, e assim surgiu a atual capela de São Bento (MENDONÇA, 2010).

4.3.4. Rajada

De acordo com a entrevistada Benedita Martins, 82, aposentada, a mesma disse que a origem do nome do sítio Rajada está ligada a um olho d’água onde na antiguidade havia uma colméia de abelha da espécie rajada (*melipona asilvae*). O dito olho d’água localiza-se atualmente no sítio Jucá. No início era Olho d’Água da Rajada, depois apenas Rajada.

Para Geraldo Benedito, 78, aposentado, a origem do nome vem de uma pedra rajada, cheia de listas brancas e pretas, chamada hoje pedra da Preguiça. As listas são formadas pelo lodo que é alimentado pela água que corre pela pedra durante o inverno. Na época chamavam pedra da Rajada e isso deu origem ao nome do lugar.

É o sítio de maior população de Serra de São Bento, possui posto de saúde, escola primária, quadra de esportes, campo de futebol, capela dedicada a Santo Antônio e um

conjunto habitacional chamado Lavoisier Maia. O abastecimento de água é feito através de chafariz da adutora da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte – CAERN, lagoa da rajada e açude da rajada, sem contar poços e tanques (PMSSB).

Há uma divisão nominal na localidade entre Rajada e Rajadinha. Rajada seria todo o sítio e Rajadinha o arruado onde fica a igreja de Santo Antônio.

Foto 1: Vista do arruado da Rajadinha com destaque para a capela de Santo Antônio



Fonte: SANTOS, Marcos Aurelio, Set/2010.

A fotografia mostra parte do arruado formado no sítio Rajada denominado Rajadinha, como vemos tem calçamento de pedras, telefone público, energia elétrica e capela (Foto 1). A capela é dedicada a São Pedro com novena e festa do padroeiro em 13 de junho. O abastecimento público d'água não chega até o local, distante da RN-269, cerca de 500 metros, forçando os moradores a consumirem água da Lagoa da Rajada, de cisternas, tanques, açudes ou de caminhões pipas.

4.3.5 Sítio Umari

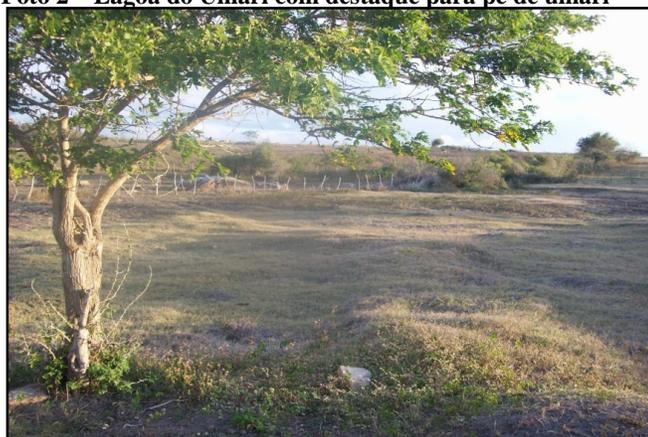
Conforme relatos do Sr. Geraldo Benedito, 78, aposentado e da Sra. Benedita Martins, 82, aposentada, contam que o nome da comunidade vem do fato de haver no lugar pés de umari dentro da lagoa de mesmo nome. No início Lagoa do Umari, depois apenas Umari.

Umari: de *i-mori*, por *uba-mo-ri-i*, a árvore que verte água, em alusão ao fenômeno de, no inverno, dar tanta água dos olhos que chega a molhar o solo. É a *Geoffroya spinosa* (CASCUDO, 1968).

Na comunidade há uma escola primária e capela dedicada a Sant'Ana e São Joaquim com novena e festa no mês de julho. O abastecimento d'água feito pela CAERN, não chega até ao local, distante da adutora cerca de 500 metros, forçando os moradores a consumirem água da Lagoa do Umari, cisternas, tanques, barreiros ou caminhões pipa.

Na fotografia abaixo vemos a Lagoa do Umari no período da estiagem (Foto 2). Quando a lagoa está seca, trabalhadores locais aproveitam para bater tijolos fazendo da lagoa uma olaria, enquanto faturam um salário extra. Esta atividade só é possível, porque os homens cavam nos lugares mais úmidos da lama cacimbas, de onde retirarão a água para amassar o barro.

Foto 2 – Lagoa do Umari com destaque para pé de umari



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2010.

4.3.6 Sítio Cacimbas

Mediante entrevista a Sra. Francisca Ferreira, 84, aposentada, disse que o lugar recebeu esse nome devido a umas cacimbas presentes num riacho do lugar, das quais a população fazia uso. Umas cacimbas eram doces e outras salobras, daí veio o nome riacho das Cacimbas, depois apenas Cacimbas.

Cacimba: em Portugal é uma chuva miúda. Na acepção de poço, depósito de água natural ou artificial. Cova em lugar úmido para nela se ajuntar a água que resuma (CASCUDO, 1968).

Esse é um sítio muito extenso, o que obrigou uma divisão popular em três: Cacimbas de Baixo, Cacimbas do Meio e Cacimbas de Cima, para melhor localização. O sítio fica no extremo Oeste de Serra de São Bento, fronteira com Monte das Gameleiras. O território foi

parte de uma luta judicial entre as duas cidades em 1980, ficando definitivamente para Serra de São Bento.

Em Cacimbas há escola primária e capela dedicada a Nossa Senhora da Salete (Foto 3). O abastecimento d'água em partes é tirado da adutora da Companhia de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte – CAERN. Além de poços, cisternas, açudes, tanques e ainda muitas cacimbas no leito do riacho (PMSSB).

Foto 3 – Vista da Capela de Nossa Senhora da Salete



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2010

A fotografia acima mostra a capela de Nossa Senhora da Salete, com novena e festa da padroeira em setembro. Esse setor do município é tipicamente rural, não possuindo arruado ou vila. Não há telefone público ou calçamento, mas existe eletrificação rural. A economia é baseada na agricultura e pecuária.

4.3.7 Sítio Panelas

Segundo o Sr. João do Carmo, 78, aposentado e a Sra. Francisca Ferreira, 84, aposentada, havia no lugar uma oleira que fazia panelas, potes, jarras, jarros e demais utensílios de barro. No início Mulher das Panelas, depois somente Panelas. As olarias eram comuns na região, ainda visto que, a comunidade vizinha também tem seu nome herdado destas indústrias primitivas; Forno Velho, que seu nome deriva da existência de um forno de assar apetrechos de barro que, abandonado ficou em ruínas, daí Forno Velho. Localizava-se na margem da estrada de Panelas (Foto 4).

Há na comunidade uma escola primária, uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, com festa em 8 de dezembro, e uma das poucas casas de farinha do município que ainda funcionam. Foi construído calçamento de pedras no arruado em 2010.

Havia também no lugar um posto de saúde municipal, porém ficou abandonado e foi ocupado por moradores locais. O abastecimento d'água é feito por cisternas, poços, açudes e tanques, durante a seca é feito através de caminhões pipas (PMSSB). Na fotografia abaixo vemos o arruado de Pannels com destaque para a capela de Nossa Senhora da Conceição, calçamento e eletrificação rural.

Foto 4 – Vista do arruado formado no Sítio Pannels



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2010

4.3.8 Sítio Cruz

Segundo Luiz Malaquias, 85, aposentado e Cícera Taveira, 70, aposentada, o nome do sítio vem de um cruzeiro erguido às margens do riacho de mesmo nome, hoje inexistente. Ainda, segundo os mesmos, no começo chamavam Cruz de São Bento, agora apenas Cruz. O cruzeiro foi erguido em homenagem a um casal de noivos que, segundo a estória popular, morreu no dia do casamento nas margens do riacho.

As terras da comunidade pertenceram ao General Edson Ramalho, comandante das tropas do Nordeste durante a Segunda Guerra Mundial. O qual marcou a vida da comunidade pela sua importância e pelas construções que deixou, como uma barragem feita de cimento e um tanque entre duas pedras de proporções enormes, hoje conhecido como tanque do General (BERTINO MARIANO, *in memoriam*).

Não há escola em funcionamento no sítio Cruz nem capela. O abastecimento de água é feito através do açude da Cruz, poços, tanques, cisternas e por caminhões pipa durante a seca (PMSSB). Em pesquisa da EMATER, o sítio Cruz perdeu sua produtividade agrícola em até 50% na década de 1990.

Na fotografia abaixo vemos um trecho do riacho da Cruz em julho de 2010. Esse riacho faz parte da Bacia Hidrográfica do rio Curimataú, sendo o principal riacho do município (Foto 5). O riacho da Cruz recebe águas dos sítios Cacimbas, Pannels, Forno Velho, Serra do Meio, Boa Vista, Pinga, Umari, Rajada, Calabouço e Cruz, banhando assim toda a região sul municipal.

Foto 5 – Trecho do Riacho da Cruz



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2010.

4.3.9 Sítio Boa Vista

Segundo Expedito Cavalcante, falecido, o nome do lugar desde tempos remotos era sítio Pinga, mas na ocasião de os moradores da região precisarem fazer empréstimo com o Banco do Brasil esse mandou um funcionário fazer as averiguações necessárias. Em visita ao lugar o funcionário olhou pela janela de sua casa e disse que o lugar tinha uma vista muito bela e deveria se chamar Boa Vista e escreveu na documentação sítio Boa Vista. Daí essa parte do sítio Pinga chamar-se Boa Vista.

Hoje o sítio Boa Vista está quase inteiramente dentro da zona urbana, onde ficam os conjuntos Boa Vista e Frei Damião e ainda a Baixa da Raposa. É na direção do sítio Boa Vista

que tem se expandido a zona urbana da cidade, com vendas de muitos terrenos e lotes. Há no lugar o campo de futebol do município, a caixa d'água da CAERN e uma torre para celular (PMSSB).

A fotografia abaixo mostra a antiga sede do sítio Boa Vista, com destaque para a casa do senhor Expedito Cavalcante e armazém (Foto 6). Na época ficava distante da cidade cerca de 500 metros, sendo a principal atividade a criação de animais, galinhas e vacas leiteiras. Também a produção de frutas, caju e manga.

Foto 6 – Casa de Expedito Cavalcante – Sítio Boa Vista

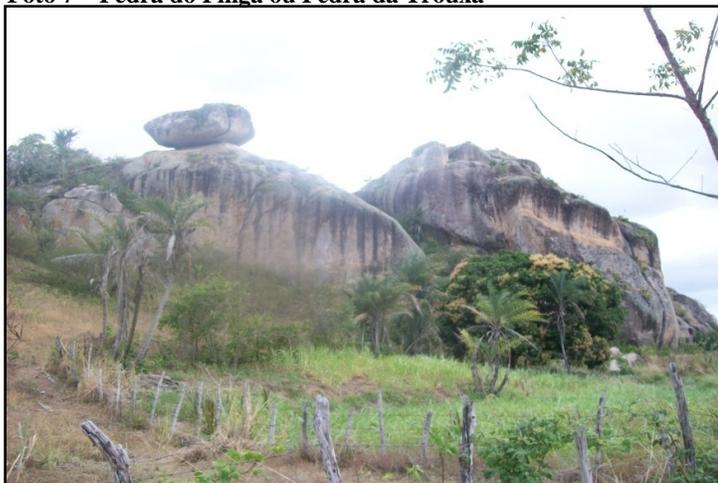


Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Nov/2000.

4.3.10 Sítio Pinga

Para o entrevistado Bertino Mariano (*in memorian*), a origem desse nome vem de um olho d'água na pedra da Trouxa, de onde a água descia pingando e formava uma cacimba, por isso pedra do Pinga, sítio Pinga, depois apenas Pinga.

Há um projeto de construção no local uma imagem do padroeiro da cidade, São Bento, com 28 metros de altura em cima da pedra do Cruzeiro. É mais uma tentativa de desenvolver o turismo no município, que já construiu um mirante e inventou o Festival de Inverno na região (PMSSB).

Foto 7 – Pedra do Pinga ou Pedra da Trouxa

Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2010.

A fotografia acima mostra a Pedra da Trouxa ou Pedra do Pinga (Foto 7). O primeiro nome originou-se de uma lenda popular que conta a estória de uma maldição. Uma mulher que foi lavar roupas numa Sexta-Feira da Paixão foi amaldiçoada, porque além de desrespeitar um dos dias mais santos do ano, ainda ficou soltando pragas àquele dia santo. Como maldição a mulher morreu e a trouxa que ela levava transformou-se em pedra.

4.3.11 Avenca

A avenca é uma cacimba que abastecia parte da população em tempos de seca. A água era boa e límpida, saía da terra muito lentamente, mas não parava, era preciso passar horas de espera, às vezes parte da noite, viam pessoas de várias partes do município para se abastecer. Lugar e cacimba receberam esse nome, porque nessa região há muita avenca (CÍCERA TAVEIRA, 71, aposentada).

Vegetação da família da samambaia comum a lugares muito úmidos é a *Adiantum Capillus-veneris L* (FERREIRA, 1999), era muito usada como planta decorativa no período natalino, na escassez de recursos para comprar decoração, a avenca fazia bem esse papel: “estendíamos o pisca-pisca em cima e estava pronta a árvore de natal” (SANTOS, 50, professora). Na fotografia abaixo podemos observar pés de avenca, que ficam numa área alafadiça da Fazenda Floresta entre as pedras do Cruzeiro e do Cocorote (Foto 8). Nas proximidades fica a cacimba da Avenca que juntas deram nome ao lugar.

Foto 8 – Cacimba da Avenca

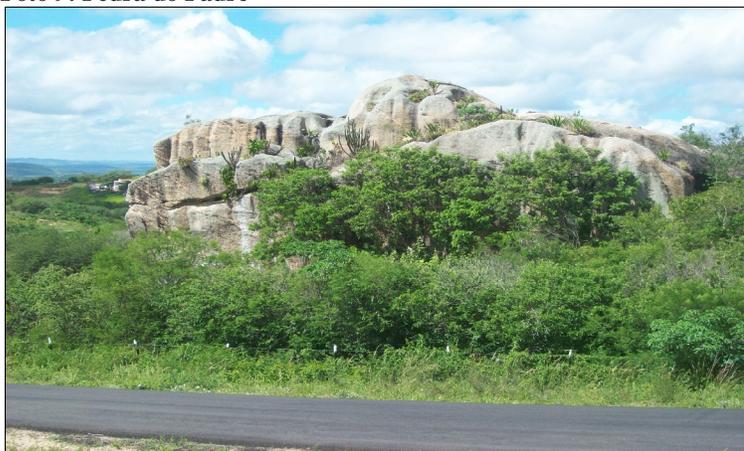
Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Nov/2010.

4.3.12 Pedra do Padre

Formação rochosa na Fazenda Floresta, que segundo contam, foi escondido o corpo de um padre assassinado que ousou desobedecer às ordens do coronel João de Oliveira Mendes (CÍCERO SALUSTRIANO – *in memoriam*). Noutra versão para a origem do nome do lugar, comentava José Pedro que um padre foi expulso da cidade no tempo da Serra do Pires, por que veio pregar contra a violência que assolava a região. Os moradores enfurecidos com o religioso o mandaram embora, quando esse chegou à altura da pedra, sacudiu a poeira dos pés e amaldiçoou à cidade, por isso a lenda local de que a cidade vai acabar coberta por melão por São Caetano” (JOSÉ PEDRO – *in memoriam*).

Melão de São Caetano é a *Momordica charantia* L. O Melãozinho é de origem asiática, trazido da África pelos escravos. É um cipó herbáceo da família Cucurbitáceas, muito comum em cercas e entulhos de terrenos abandonados.

Seu fruto cor de ouro com espinhos moles na superfície se abre espontaneamente em 3 partes, quando maduro mostra suas sementes vermelhas comestíveis de grande beleza e paladar suave, muito apreciado pelas crianças. A infusão dos frutos maduros é boa para curar hemorróidas.

Foto 9: Pedra do Padre

Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Nov/2012.

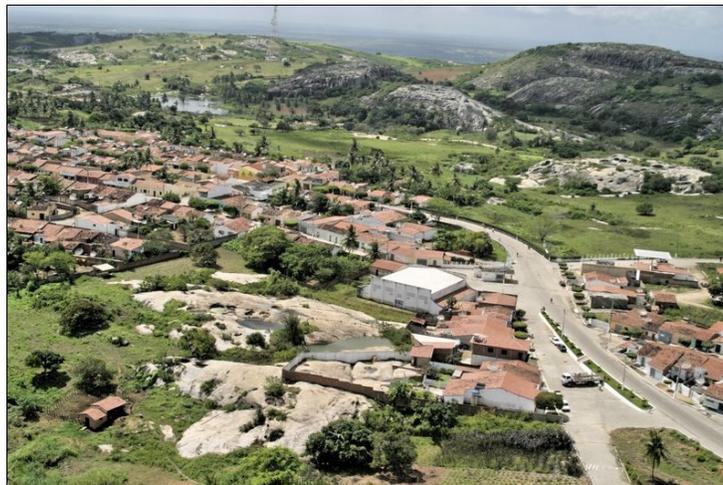
Na fotografia acima vemos a Pedra do Padre, distante cerca de 500 metros da zona urbana, na saída leste da cidade a margem da RN/269 (Foto 9). A área onde está localizada, pertence à Fazenda Floresta, onde temos a construção de um condomínio e uma pousada, que fizeram desse lugar um dos setores mais valorizados do município.

4.3.13 Pedra do Cocorote

A Pedra do Cocorote, 440 metros de altitude, recebeu esse nome por que é para muitos o ponto culminante de Serra de São Bento, a cabeça, o coco ou o cume. Cocorote é o mesmo que cascudo, croque, pancada que os mais velhos davam na cabeça das crianças antigamente (FERREIRA, 1999). Nesta pedra se encontra também o Tanque do Cocorote.

Do alto desta pedra conseguimos avistar toda a cidade e muitas outras cidades vizinhas, São José de Campestre, Nova Cruz, Serrinha, Serra Caiada, Tangará e até Natal, entre outras do Rio Grande do Norte. Na Paraíba citamos Araruna, Serra de Dona Inês, etc. Durante a construção da torre da Empresa Brasileira de Telecomunicações – EMBRATEL, na década de 1970, contam que alguns trabalhadores americanos colocaram a bandeira dos Estados Unidos no alto da Pedra do Cocorote (JOSÉ PEDRO – *in memoriam*).

Foto 10: Pedra do Cocorote no alto à direita



Fonte: Michel Platiny, 2011.

A fotografia acima mostra uma imagem aérea de Serra de São Bento, vista de leste para oeste. No alto à direita vemos a Pedra do Cocorote, como ponto mais alto, coco, micoco ou cocorote da serra (Foto 10). Também no alto da pedra está o tanque do Cocorote em formato de pé de pato.

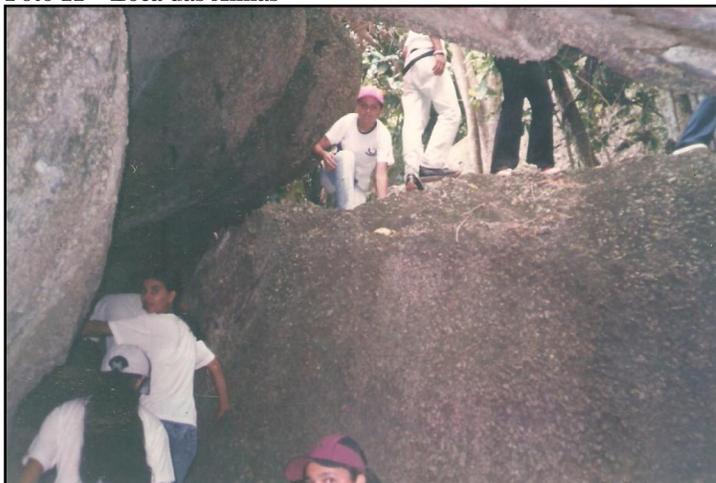
4.3.14 Loca das Almas

Formada por duas pedras sobrepostas forma uma série de cavernas, há partes muito escura e úmida, é um dos lugares do município mais visitados pelos turistas (SMT).

Lugar onde foi um provável cemitério indígena. Em tempos mais recentes serviu também de esconderijo para assassinos, ou para esses esconderem os corpos de suas vítimas. Há pouco tempo, alguns jovens encontraram uma bala de fuzil dentro da loca. Muitas lendas e estórias cercam o lugar (BEZERRA, 45, professor).

Na fotografia abaixo vemos alunos da Escola Estadual Professor Joaquim Torres visitando a Loca das Almas no ano de 2004. Inúmeros curiosos visitam o lugar em busca de vestígios indígenas ou em busca de emoção.

São também comuns as visitas de turistas que levados pelas histórias que cercam a caverna, desafiam morcegos e marimbondos, e ainda a escuridão de algumas partes da loca, para conhecer o lugar.

Foto 11 – Loca das Almas

Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2004

4.3.15 Mata do Trinta e Dois

Há duas prováveis origens para o nome do lugar. A primeira relata ao comprimento do Tanque do Trinta e Dois, que dizem medir trinta e duas braças de tamanho quando está cheio. A segunda provável origem está ligada ao cangaço. Dizem que Antônio Silvino, cangaceiro paraibano, fugindo da volante veio acabar em São Bento, aqui buscou refugiar-se na mata que era muito fechada e pegava água no tanque para consumo do bando, quando da presença dos cangaceiros os moradores foram proibidos de comentar sobre sua presença e passaram a referir-se ao lugar pelo número de homens que ali se escondiam, trinta e dois.

Contam os antigos que quando o tanque secou o bando ajudou o povo da região a limpá-lo tirando a lama junto com os moradores (MANOEL CAETANO, 58, agricultor).

Foto 12 – Mata do Trinta e Dois

Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2004

A fotografia acima apresenta a Mata do Trinta e Dois no verão de 2004, como podemos ver a vegetação fica sem folhas por causa da seca. Observamos também o porte da vegetação, arbustos e árvores de maior porte que justificam o nome de mata pelos moradores locais. A mata é cortada pelo riacho do Mela Bode que faz parte da bacia hidrográfica do rio Jacu. No trecho que o riacho corta o lugar forma várias quedas d'água, inclusive a mais famosa, a Cachoeira do Paraíso.

4.3.16 Paraíso

Lugar mais visitado do município por turistas e visitantes. É parte do riacho Mela Bode que, na época da cheia, forma poços e cachoeiras que atraem moradores e visitantes (SMT).

Recebeu esse nome de um grupo de meninos que saíam do catecismo da igreja e iam tomar banho nesse trecho do riacho Mela Bode. No catecismo sempre falavam em paraíso e inferno. O paraíso era o lugar bom, onde todas as pessoas eram felizes, brincavam, sorriam, tinham saúde, amavam e eram amados, onde nada de ruim poderia acontecer.

Assim acontecia com aquelas crianças, cristãs em formação, eram tão felizes no riacho tomando banho de poço, que diziam ser o paraíso. Aqueles meninos espalharam para os amigos, que espalharam para outros e tudo chegou aos adultos, então nome pegou (SANTOS, 50, professora).

Foto 13 - Cachoeira do Paraíso



Fonte: Lícia Fabio, 2011

A fotografia acima mostra a cachoeira do Paraíso no inverno de 2011. Como o relevo do município é de planalto, a água corrente no inverno forma inúmeras quedas d'água. O Paraíso está localizado a aproximadamente 700 metros da zona urbana de Serra de São Bento, sendo parte do acesso feito apenas por estrada carroçável e outra parte apenas a pé.

4.3.17 Rodeador

Nome de lugar onde na antiguidade os vaqueiros rodeavam o gado, para ferrar, separar e outras atividades (FERREIRA, 1999). Há naquele rincão do município um curral muito antigo feito com miolo de aroeira, que comprova a origem do nome. O Rodeador é ainda hoje como no período colonial. Há apenas uma casa habitada, feita de taipa, as demais estão desocupadas ou ruíram (JOSÉ AILSON, 33, caçador).

O sítio está localizado no extremo Norte do município na divisa com São José do Campestre, há nesta região a mata da Grota da Negra, onde vivem macacos da espécie guariba (*Alouatta guariba*) (JOSÉ AILSON, 33, caçador). A fotografia abaixo mostra o Alto do Chole nas proximidades do sítio Rodeador, o acesso ao lugar é feito apenas por estrada carroçável.

Foto 14 – Alto do Chole



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2004

4.3.18 Cruzeiro (Alto da União)

Nome originado da instalação de uma cruz na década de 1960. O nome oficial é Alto da União, dado no ato da instalação da cruz pelos padres missionários responsáveis pelas

missões . O Cruzeiro tem uma altitude de 420 metros, local de maior visitação da cidade, os filhos da terra quando voltam fazem questão de ir visitá-lo.

Era local de sagrado, onde as pessoas pagavam suas promessas, no lugar há um oratório no qual sempre encontrávamos p s, mãos, cabeças e troncos feitos em madeira, tecido ou gesso, com os quais as pessoas pagavam suas promessas, hoje é mais usado para bebedeiras e encontros amorosos de casais (CÍCERA TAVEIRA, 71, aposentada).

Há um projeto de constru o no local uma imagem do padroeiro da cidade, São Bento, com 28 metros de altura em cima da pedra do Cruzeiro, com recursos do Ministério do Turismo e do Ministério da Cultura. É mais uma tentativa de desenvolver o turismo no município, que já construiu um mirante e inventou o Festival de Inverno na região (PMSSB). O projeto também contempla uma capela, estacionamento e praça de alimenta o.

Foto 15 – Cruzeiro no Alto da União



Fonte: /www.ferias.tur.br, 2010

A fotografia acima mostra a cruz instalada na década de 1960. Por algum tempo essa pequena capela abrigou a imagem centenária de São Bento, mas a pedido dos fiéis voltou para a cidade, pois estes temiam que os vândalos a destruíssem. Após cinco décadas a cruz estava bastante deteriorada o que motivou a igreja a retir -la para restaura o em 2012.

4.3.19 Fazenda Floresta

Os primórdios de Serra de São Bento foram neste lugar, para o Padre Normando Pignataro Delgado, na Fazenda Floresta habitaram tanto o Coronel Pires quanto João de Oliveira Mendes. O primeiro recebeu pelo sistema de sesmaria a doação das terras da Conhecida Serra dos Macacos, atual município de Serra de São Bento, e o segundo foi comandante de toda região, política e economicamente.

Na antiguidade a Mata do Trinta e Dois estendia-se até as proximidades da casa da Fazenda Floresta. Nessa mata a vegetação é ainda muito densa caracterizando uma floresta, e daí caracterizando o nome do lugar. Aqui morou outro personagem da história da cidade, o primeiro prefeito do município Wilson Ramalho (CÍCERO SALUSTRIANO – *in memoriam* e JOSÉ PEDRO – *in memoriam*).

A Fazenda Floresta representa, hoje, o novo, o futuro, pois é um marco do turismo no município. Foi construída a pousada Vilas da Serra e está em construção um condomínio fechado, que atraem inúmeras pessoas para conhecer a cidade. Após a construção da pousada na Fazenda Floresta, veio a construção de mais outras três, duas no sítio Cacimbas, a pousada Pedra Grande e a pousada Chalés Lagedo da Serra e outra no sítio Calabouço, a pousada Fulô da Pedra (SMT).

Foto 16 – Fazenda Floresta



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2009.

A fotografia mostra a sede da Fazenda Floresta em setembro de 2009. No alto observamos a depressão sublitorânea e ao centro a Pousada Vilas da Serra.

4.3.20 Sítio Olho d'Água

Nome originado de um olho d'água que abastecia a região com água doce durante toda seca, esse olho d'água fica num afluente do riacho Mela-bode, foi transformado há pouco tempo em poço artesiano, mas continua abastecendo toda a comunidade (TAVEIRA, 71, aposentada).

Olho d'Água: "Local onde se verifica o aparecimento de água por afloramento do lençol freático" (Resolução nº 04, de 18.09.85, do CONAMA/MMA). Lugar que verte água do solo formando cacimba. Popular e querido em sua perenidade animadora e doce, o olho d'água. (CASCUDO, 1968)

Há escola no lugar, porém em ruínas, também não há capela. Talvez pelo número pequeno de famílias que habitam a comunidade.

Foto 17: poço no sítio Olho d'Água



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2009.

A fotografia apresenta o poço que foi construído onde se localizava o olho d'água que nome ao lugar. Segundo moradores a água ainda verte em boa quantidade como também é boa a qualidade da água, sendo límpida e doce. Com o passar do tempo perdeu sua importância como fonte de abastecimento, pois foram construídas cisternas, poços tubulares e açudes pequenos.

4.3.21 Sítio Jucá

De acordo com os relatos do Sr. Geraldo Benedito, 78, aposentado, a origem do nome desse local do município vem de um olho d'água no qual havia um pé de jucá dentro do poço formado pela água que revia. No início era Olho d'Água do Jucá, depois apenas Jucá.

Jucá: de *iucá*, verbo matar. Era com esta madeira que os indígenas fabricavam os tacapes de guerra, bastões de combate. *Ceasalpinia ferrea*. É madeira que cupim não rói, preferida pelos desordeiros e valentões (CASCUDO, 1968).

Há na comunidade uma escola que não funciona mais e não há capela.

Foto 18 - Pousada Pedra Grande no Sítio Jucá



Fonte: nominuto.com, 2011

A imagem acima mostra a Pousada Pedra Grande em 2011, é notável o estilo holandês na construção. Os maiores atrativos do lugar são a paisagem e o frio, porque a pousada está localizada no contraforte do Planalto da Borborema dando vista para a depressão sublitorânea entre outras áreas do Rio Grande do Norte.

Segundo funcionários além de uma linda paisagem avista-se a Imagem de Santa Rita de Cássia na cidade de Santa Cruz/RN, que tem 56 metros de altura sendo a imagem religiosa mais alta do mundo; avista-se a cidade de Natal, capital do estado e ainda, segundo funcionários, o frio chega a 14 graus durante o inverno.

4.3.22 Sítio Craibeira

Para a entrevistada a Sra. Maria Taveira, falecida, o nome veio dos muitos pés de craibeira que havia no lugar, que também deram nome ao riacho que corta a região. No início riacho das Craibeiras, depois apenas Craibeira.

Craibeira: de *caraíba*, a acepção de forte, superior resistente, e o sufixo português *eira*. Madeira de cerne resistente. O mesmo que caraibeira ou caraúbas. Nome científico *Tabebuia caraíba* (CASCUDO, 1968).

É uma comunidade que não tem escola, posto de saúde ou capela. O número de moradores é mínimo.

Foto 19 – Sítio Craibeira, com destaque para essa árvore



Fonte: SANTOS, Marcos Aurélio, Set/2004

A fotografia mostra o sítio Craibeira em setembro de 2004, dando destaque ao fundo para a árvore craibeira. Era comum a madeira ser usada como lenha, para o fogo, e estacas para cercas. Estas árvores estão localizadas à margem direita do riacho também do mesmo nome.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa denominada: “Estudo Sobre os Topônimos na Geografia Cultural: Um Olhar Sobre as Toponímias de Serra de São Bento-RN”, teve como objetivo principal resgatar, através do estudo toponímico, a memória histórica e social presente nos topônimos de Serra de São Bento, município norte-rio-grandense.

Partindo do estudo do topônimo, nome geográfico próprio de um lugar, pode-se descobrir aspectos do *modus vivendi* de cada comunidade linguística, já que toda movimentação lexical de uma língua deve ser encarada como um fato que ultrapassa o simples ato da fala e se configura num fato social de grande importância.

No primeiro momento, após extensivos estudos, consideramos que o estudo da toponímia, reflete aspectos importantes dos valores sociais, políticos e culturais da memória coletiva local.

Dessa forma, pensando em uma perspectiva etnográfica e de discussão de identidade sociopolítico-cultural, a toponímia se mostra como um interessante caminho, pois os nomes de determinado local podem revelar traços da cultura, da memória e da identidade de determinada comunidade.

A Onomástica tem como objetivo de estudo o *nome*. A Toponímia, subárea da Onomástica, hoje considerada uma ciência, traz subsídios valiosos aos pesquisadores através de estudos dos nomes de lugar, pois estes são expressões linguísticas que refletem o ambiente, seja ele físico ou antropocultural.

Segundo Dick, aprendemos a valorizar o *nome* como um verdadeiro marcador existencial, que confere ao lugar *personalidade* jurídico-administrativa capaz e pertinente. “Mas um lugar ou uma cidade não é apenas isso. É também memória afetiva, responsável pelas raízes individuais e coletivas da população” (DICK, 2004, p.39).

Na pesquisa e revisão bibliográfica, percebemos que a primeira grande dificuldade seria encontrar, na literatura, subsídios para fundamentar nossa pesquisa. A bibliografia que retrata a evolução histórica ou qualquer outro assunto mais concreto sobre a cidade, ainda é muito escassa. Nesse ponto, a pesquisa de campo foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho, com a ressalva de que foram necessário, várias viagens aos locais pesquisados e a casa dos entrevistados, estes, porque necessitam de tempo para lembrar de todos os detalhes da história.

Devido ao fato de que muito da história do município não está registrado em livros, mas na memória de seus habitantes, iniciamos a pesquisa de campo valendo-nos de entrevistas com antigos moradores do local, que, além de fornecerem muitas informações, as quais foram relevantes para o enriquecimento deste trabalho.

Diante desse contexto, a toponímia da zona rural de Serra de São Bento-RN, tem se revelado como um verdadeiro meio de propagação do ideário local. A toponímia, como um modo de resgate e de expressão histórica e social, em Serra de São Bento-RN, auxilia na construção da identidade rural da cidade.

Na elaboração deste trabalho também constatamos a importância do registro do fato histórico como forma de se preservar a história e a identidade de um povo, uma vez que apenas a memória não pode resguardá-lo com fidelidade.

No estudo toponímico realizado, além de resgatarmos parte da evolução histórico-social do município, registramos a motivação denominativa presente nos topônimos da Serra de São Bento-RN. Assim queremos promover com esse resgate, não uma volta ao passado, mas um registro que contribua para a preservação da cultura e das tradições locais.

O contato pessoal, através das entrevistas com moradores das comunidades e sítios na zona rural, como os residentes na cidade, permitiu-nos, aprender a valorizar nossa cultura e aumentar o respeito pelos idosos. Concluímos também que nossos idosos têm um grande valor histórico e cultural, donde ficam felizes em transmitir seu conhecimento. Sugerimos a fundação de um museu de vozes, imagens e vídeos dessas pessoas, onde ficariam guardadas suas imagens, entrevistas e vídeos, que poderiam servir de fonte de pesquisa para outros pesquisadores. Incalculável seria o seu valor.

O presente estudo não tem fim em si mesmo, mesmo tendo em vista as limitações do nosso estudo que, pela escassez bibliográfica, firmou-se principalmente na oralidade. Entretanto devido ao dinamismo e importância do tema, esperamos que a partir dele, a pesquisa toponímica tenha um avanço real na Serra de São Bento-RN.

REFERÊNCIAS

Arlindo Júnior. **A urbanização no Brasil.**

Disponível em: <<http://www.juliobattisti.com.br/tutoriais/arlindojunior/geografia031.asp>>

Acesso em: 12 nov. 2012.

BEZERRA, Monsenhor Expedito. São Bento. **Tribuna do Norte.** 1985.

BONNEMAISON, Joël. **La Géographie Culturelle.** Paris: Éditions du C.T.H.S., 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** Lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARLOS, Ana Fani A. **A Cidade.** São Paulo: Contexto, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra.** geografia, história e toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. Estudos sobre os topônimos Norte-riograndenses na ótica de Câmara Cascudo: Um olhar sobre Passa e Fica-RN. In: LINS, Juarez Nogueira; BEZERRA, Rosilda Alves. **Linguagem e Discussões Culturais.** Vol. 3. João Pessoa: Ed. dos Organizadores, 2006.

CAVALCANTE, Marcos César. **Terras Potigüares.** 3 ed. Natal: Fundação José Augusto, 2002.

CLAVAL, Paul. O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE. Resolução CONAMA nº 001, de 23 de janeiro de 1986. **Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para o Relatório de Impacto Ambiental – RIMA.** Disponível em:

<<http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html>>. Acesso em: 27 dez. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDHAL, Zeny (org.). **Introdução a Geografia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea**. Diagnóstico do município de Serra de São Bento, Estado do Rio Grande do Norte. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DANTAS, Manoel Gomes de Medeiros. **Denominação dos Municípios (Rio Grande do Norte)**. Natal: Empreza Typographica Natalense, 1922.

_____. Conferência realizada no Salão de Honra do Palácio do Governo, em 21 de março de 1909. In: LIMA, Pedro de. **O Mito da Fundação de Natal e a Construção da Cidade Moderna Segundo Manoel Dantas**. Natal: Cooperativa Cultural/Sebo Vermelho, 2000.

Dicionário Ambiental/ Conceitos

Disponível em: <<http://www.ecolnews.com.br/dicionarioambiental/conceitos-o.htm>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O léxico toponímico: marcadores e recorrências lingüísticas. In: **Revista Brasileira de Linguística (SBPL) (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística)**. São Paulo: Plêiade, 1995. v. 8.

_____. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

_____. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de estudos. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1990.

FELIPE, José Lacerda Alves; CARVALHO, Edílson Alves de. **Economia do Rio Grande do Norte**: Estudo geo-histórico e econômico. João Pessoa: Editora Grafset, 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MARTIN, Jean Yves. Movimento socioterritorial e “globalização”: algumas reflexões a partir do caso do MST. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 12, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio do Século XXI: **O Dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Totalmente Revisada e Ampliada – Rio de Janeiro – Nova Fronteira, 1999.

GOUVÊA, Ronaldo Guimarães. **A Questão Metropolitana no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

IBGE. Cidades. Serra de São Bento – **Histórico**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_zcidades/historico_conteudo.php?codmun=241330>. Acesso em: 12 ago. 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2007**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

ISQUERDO, A. N. **O fato linguístico como recorte da realidade sociocultural**. 1996. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 1996.

LEVI CARDOSO, Armando. **Toponímia brasileira**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Terra Natalense**. Natal: Fundação José Augusto, 1991.

MELANDER FILHO, Eduardo. A Cultura Segundo Edward B. Tylor e Franz Boas. Gazeta de Interlagos, São Paulo, 13 mar 2009 a 26 mar 2009. História p. 2. Disponível em: <<http://edmelander.blogspot.com.br/2009/03/cultura-segundo-edward-b-tylor-e-franz.html>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

_____. **A Cultura Segundo Edward B. Tylor e Franz Boas**.

Disponível em: <<http://edmelander.blogspot.com.br/2009/03/cultura-segundo-edward-b-tylor-e-franz.html>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

MENDONÇA, Paulo Henrique de. **História**.

Disponível em: <<http://serradesaobento.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

Perfil do seu Município/ Serra de São Bento

Disponível em: <http://www.idema.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/idema/socio_economicos/enviados/perfil_s.asp>. Acesso em: 10 abr. 2010.

ROSS, Jurandir Luciano Sanches. **Geografia do Brasil**. São Paulo: USP, 2005.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SEABRA, Giovanni. **Pesquisa Científica: o método em Questão**. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

Serra de São Bento. Disponível em: <<http://www.ferias.tur.br/cidade/7285/serra-de-sao-bento-rn.html>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

SPOSITO, Maria E. Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geografia**, São Paulo: UNESP, v.10, p. 1-18, 1991.

Toponímia. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/topon%C3%ADmia/>>. Acesso em: 15 mai. 2010.

Turistas movimentam Festival de Inverno em Serra de São Bento

Disponível em: <<http://www.correiodatarde.com.br/editorias/turismo-46310>>. Acesso em: 10 abr. 2010.

ZELINSKY, Wilbur. **Along the frontiers of name geography**. *Professional Geographer*, v.49, n.4, 465-466, 1997.

ÂPENDICE

APÊNDICES A – Modelo de questionário aplicado

NOME _____
IDADE _____ PROFISSÃO _____
COMUNIDADE _____

01 – Quanto tempo mora nesta comunidade?

02 – Como se chamava este sítio antigamente?

03 – Por que a comunidade tem este nome?

04 – Quantas pessoas residiam nesta comunidade?

05 – Quantas pessoas residem hoje nesta comunidade?

06 – Conhece alguma estória que trate do nome desta comunidade?

07 – O poder local já pensou em mudar o nome desta comunidade?

08 – Conhece alguma comunidade com o mesmo nome?

09 – O nome deste sítio é em homenagem a alguém?

10 – Sabe dizer quantas comunidades de zona rural existem no município de Serra de São Bento?